



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

ed.37

JULHO/2024





INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

ed.37

JULHO/2024

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC - ISSN/2675-520



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca da EDITORA INTEGRALIZE, (SC) Brasil

International Integralize Scientific. 37ª ed. Julho/2024. Florianópolis - SC

Periodicidade Mensal

Texto predominantemente em português, parcialmente em inglês e espanhol

ISSN/2675-5203

1 - Ciências da Administração

2 - Ciências Biológicas

3 - Ciências da Saúde

7 - Linguística, Letras e Arte

8 – Ciências Jurídicas

4 - Ciências Exatas e da Terra

5 - Ciências Humanas/ Educação

6 - Ciências Sociais Aplicadas

9 – Tecnologia

10 – Ciências da Religião /Teologia



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

**Dados Internacionais de
Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da Editora Integralize - SC – Brasil**

Revista Científica da EDITORA INTEGRALIZE- 37ª ed. Julho/2024
Florianópolis-SC

PERIODICIDADE MENSAL

Texto predominantemente em Português,
parcialmente em inglês e espanhol.
ISSN/2675-5203

1. Ciências da Administração
2. Ciências Biológicas
3. Ciências da Saúde
4. Ciências Exatas e da Terra
5. Ciências Humanas / Educação
6. Ciências Sociais Aplicadas
7. Ciências Jurídicas
8. Linguística, Letras e Arte
9. Tecnologia
10. Ciências da Religião / Teologia



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

EXPEDIENTE

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC

ISSN/2675-5203

É uma publicação mensal, editada pela
EDITORIA NTEGRALIZE | Florianópolis - SC

Florianópolis-SC

Rodovia SC 401, Bairro Saco Grande, CEP 88032-005.

Contato: (48) 99175-3510

<https://www.integralize.online>

Diretor Geral

Luan Trindade

Diretor Financeiro

Bruno Garcia Gonçalves

Diretora Administrativa

Vanessa Sales

Diagramação

Balbino Júnior

Conselho Editorial

Marcos Ferreira

Editora-Chefe

Prof. PhD Vanessa Sales

Editores

Prof. PhD Hélio Sales Rios

Prof. Dr. Rafael Ferreira da Silva

Prof. Dr. Francisco Rogério Gomes da Silva

Prof. Dr. Fábio Terra Gomes Júnior

Prof. Dr. Daniel Laiber Bonadiman

Técnica Editorial

Rayane Souza

Auxiliar Técnica

Rayane Rodrigues

Editores Auxiliares

Reviane Francy Silva da Silveira

James Melo de Sousa

Priscila de Fátima Lima Schio

Lucas Teotônio Vieira

Permitida a reprodução de pequenas partes dos artigos, desde que citada a fonte.



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

**INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC
ISSN / 2675-5203**

É uma publicação mensal editada pela
EDITORA INTEGRALIZE.
Florianópolis – SC
Rodovia SC 401, 4150, bairro Saco Grande, CEP 88032-005
Contato (48) 4042 1042
<https://www.integralize.online/acervodigital>

EDITORA-CHEFE

Dra. Vanessa Sales

Os conceitos emitidos nos artigos são de
responsabilidade exclusiva de seus Autores.



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

CIÊNCIAS
AGRÁRIAS

AGRICULTURAL SCIENCES



ed.37

JULHO/2024

CIÊNCIAS AGRÁRIAS

AS CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS E AMBIENTAIS: ETNOBOTÂNICA COMO FORMA DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO ENSINO MÉDIO.....08

Autor: CLEDISON CORDEIRO DA SILVA

Contato: cledisoncordeiroufrn2010@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Hélio Sales Rios

GEOGRAPHIC AND ENVIRONMENTAL SCIENCES: ETHNOBOTANY AS A FORM OF TEACHING-LEARNING IN HIGH SCHOOL

CIENCIAS GEOGRÁFICAS Y AMBIENTALES: LA ETNOBOTÁNICA COMO FORMA DE ENSEÑANZA-APRENDIZAJE EN LA ESCUELA SECUNDARIA

**AS CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS E AMBIENTAIS: ETNOBOTÂNICA COMO
FORMA DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO ENSINO MÉDIO**
**GEOGRAPHIC AND ENVIRONMENTAL SCIENCES: ETHNOBOTANY AS A FORM
OF TEACHING-LEARNING IN HIGH SCHOOL**
**CIENCIAS GEOGRÁFICAS Y AMBIENTALES: LA ETNOBOTÁNICA COMO FORMA
DE ENSEÑANZA-APRENDIZAJE EN LA ESCUELA SECUNDARIA**

Cledison Cordeiro da Silva
cledisoncordeiroufrn2010@hotmail.com

SILVA, Cledison Cordeiro da. **As ciências geográficas e ambientais: etnobotânica como forma de ensino-aprendizagem no ensino médio.** Revista International Integralize Scientific, Ed. n.37, p. 08 – 16, julho/2024. ISSN/2675 – 5203.

Orientador: Prof. Dr. Hélio Sales Rios

RESUMO

A etnobotânica é a ciência a qual estuda a inter-relação do homem com as plantas, buscando compreender como os conhecimentos referentes às propriedades medicinais destas, vêm sendo transmitidos ao longo do tempo, e de que forma eles se encontram explícitos nas diferentes culturas e suas respectivas relações com o ensino-aprendizagem da disciplina de geografia. A utilização de plantas para fins medicinais é uma cultura milenar que esteve ligada à humanidade desde os seus primórdios, onde os homens utilizavam as plantas para sanar suas enfermidades, porém, seu estudo aliado à educação é relativamente escasso. Esta pesquisa objetiva fazer um inventário de plantas utilizadas como fontes medicamentosas, localizadas no Nordeste, e de como estas, podem funcionar na abrangência do ensino da geografia como parte de um ensino que contextualiza a vida com o seu contato na terra.

Palavras-chave: Etnobotânica; Plantas medicinais; Caatinga.

SUMMARY

Ethnobotany is the science that studies the interrelationship of man with plants, seeking to understand how knowledge about their medicinal properties has been transmitted over time, and how they are explicit in different cultures and their respective relations with the teaching-learning of the geography discipline. The use of plants for medicinal purposes is an ancient culture that has been linked to humanity since its beginnings, where men used plants to cure their illnesses, however, their study combined with education is relatively scarce.

Keywords: Ethnobotany; Medicinal plants; Caatinga.

RESUMEN

La etnobotánica es la ciencia que estudia la interrelación entre el hombre y las plantas, buscando comprender cómo se han transmitido a lo largo del tiempo los conocimientos sobre sus propiedades medicinales, y cómo se explicitan en las diferentes culturas y sus respectivas relaciones con la enseñanza-aprendizaje de la asignatura de geografía. El uso de plantas con fines medicinales es una cultura milenaria que ha estado ligada a la humanidad desde sus inicios, donde los hombres utilizaban las plantas para curar sus enfermedades, sin embargo, su estudio combinado con la educación es relativamente escaso. Esta investigación tiene como objetivo realizar un inventario de las plantas utilizadas como fuentes medicinales, ubicadas en el Nordeste, y cómo estas pueden funcionar en el ámbito de la enseñanza de la geografía como parte de una enseñanza que contextualiza la vida con su contacto en la tierra.

Palabras clave: Etnobotánica; Plantas medicinales; Caatinga.

INTRODUÇÃO

O uso de plantas para fins medicinais faz parte de uma cultura milenar que tem suprido as necessidades do homem no que se refere ao tratamento de diversos tipos de doenças. O homem primitivo dependia essencialmente da natureza para a sua sobrevivência e utilizou-se principalmente das propriedades medicinais das plantas para curar-se (ALMEIDA, 2011). A relação homem/plantas tem se tornado objeto de estudo de diversas ciências como da ecologia, botânica e principalmente da etnobotânica.

A etnobotânica é a ciência que estuda a inter-relação do homem com as plantas, buscando compreender como os conhecimentos referentes às aplicações fitoterápicas vêm sendo transmitidos ao longo do tempo, e de que forma eles se encontram explícitos nas diferentes culturas (ALBUQUERQUE, 2005; MARTINS, 2012).

A etnobotânica pode ser compreendida como a ciência que estuda a inter-relação direta entre povos culturais e as plantas do seu meio. Aliando-se a fatores culturais e ambientais, bem como, as concepções desenvolvidas por essas culturas sobre as plantas e o aproveitamento que se faz delas (ALBUQUERQUE, 2005). Dentro da etnobotânica, os conhecimentos sobre plantas medicinais são adquiridos naturalmente através das gerações de forma oral e tradicionalmente vão se perpetuando ao longo do tempo sem a necessidade de registros escritos.

Estudar e ensinar geografia significa o desafio de conhecer e reconstruir o caminho traçado pela ciência geográfica, desde os estudos considerados como de geografia não formal, ou seja, que foram elaborados por profissionais de variados ramos do conhecimento científico, até o conhecimento geográfico sistematizado, cujo status de ciência foi adquirido no século XIX.

Enquanto que ensinar Geografia é refazer e reconstruir conhecimentos geográficos, também considerando os períodos que antecederam à sua sistematização, assim como toda evolução da Geografia enquanto ciência. Considerando essa discussão, a Ciência Geográfica tem uma história rica e que deve ser estudada com atenção e profundidade, tanto pela perspectiva de ensinar Geografia, como o de conhecer a história da disciplina mergulhando em muitas questões teóricas, contextos científicos, e conjunturas que refletem configurações histórico-especiais importantes para se compreender a evolução da disciplina Geografia no Brasil e o quanto esse estudo das plantas e seu uso, em particular, poderá ressignificar o contexto da sala de aula atual.

Esses conhecimentos tradicionais relacionados às plantas medicinais, constituem a base da medicina popular no Brasil, a qual é uma mistura de diversas culturas como a indígena, originária do país, europeia e africana, provenientes do período da colonização (MARTINS et al., 2000; CARTAXO, 2009). Diante da importância deste conhecimento, faz-se necessário um resgate das práticas tradicionais e populares no que se refere à utilização, manejo e conservação de fitoterápicos.

A Região Semiárida do Nordeste do Brasil apresenta como fator de destaque o clima, responsável pela variação dos outros elementos que compõem as paisagens. Ao clima estão adaptados a vegetação e os processos de formação do relevo, com predomínio de um processo sobre outro e de acordo com a época do ano, período seco ou chuvoso; os solos são, em geral, jovens em função das condições de distribuição das chuvas, tornando os processos químicos mitigados (ARAÚJO, 2011).

PROBLEMATIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Provavelmente, a utilização das plantas como medicamento é tão antiga quanto o próprio homem. Desde o início da civilização, os povos reconheceram a existência de sítios geográficos com características especiais e tomaram medidas para protegê-los. O acesso e o uso dos mesmos eram controlados por tabus, por normas legais e outros instrumentos de controle social impostos pelas sociedades. Esses sítios estavam associados a mitos, fatos históricos marcantes, proteção de fontes d'água, caças, alimentos, plantas medicinais, refúgios e outros recursos naturais necessários à sobrevivência desses povos (BRASIL, 2002).

Conseqüentemente, com o crescimento demográfico, os seres humanos, em sua busca do desenvolvimento econômico e do gozo das riquezas naturais, por séculos a fio, se esqueceram de que os recursos naturais são finitos e a capacidade dos ecossistemas é limitada. Dessa forma, colocavam em risco vários sistemas ambientais, conseqüentemente provocando um processo de ameaça de desaparecimento de várias espécies de seres vivos no planeta (IUCN, 1984; TOWNSEND et al., 2006).

Inúmeras sociedades autóctones e, até mesmo, contemporâneas, que seguem as tradições de seus antepassados, possuem, ainda hoje, um vasto conhecimento sobre a farmacopeia proveniente dos recursos vegetais encontrados nos ambientes por elas ocupados, sejam estes naturais ou antropicamente alterados.

Assim, o interesse científico tem crescido com relação ao conhecimento que essas populações detêm sobre as plantas e seus usos, principalmente após a constatação de que a base empírica desenvolvida por elas ao longo dos séculos pode, em muitos casos, ter comprovação científica que habilite a extensão desses usos à sociedade industrializada atual (FARNSWORTH, 1988).

A ciência etnobotânica tem como característica básica de estudo, o contato direto com as populações, procurando uma aproximação e uma vivência que permitam conquistar a confiança das mesmas, resgatando, assim, todo o conhecimento possível sobre a relação de afinidade entre o ser humano e as plantas de uma comunidade. Mediante essa ciência é possível conhecer as sociedades, suas culturas e, mesmo, criar subsídios para a recuperação de suas histórias (COTTON, 1996; SANTOS, 1995; ALBUQUERQUE, 2005).

Por tratar-se de uma ciência que utiliza conhecimentos tradicionais empíricos em prol do melhoramento da qualidade de vida dos homens e do meio ambiente, suas investigações científicas devem ser amplas, de modo que: valorize os conhecimentos e as medicinas tradicionais das comunidades; preserve a flora, utilizando o conhecimento adquirido por meio da investigação; amplie o conhecimento sobre as propriedades úteis de espécies vegetais; dê subsídios, em especial, para estudos étnicos, antropológicos, botânicos e ecológicos sobre as comunidades envolvidas na pesquisa; e dê suporte ao poder público no desenvolvimento de projetos sócio-econômicos e ambientais (SANTOS, 1999; ALBUQUERQUE, 2005).

Estudos etnobotânicos podem apresentar abordagem qualitativa ou quantitativa. No caso da pesquisa ter uma abordagem qualitativa, ela não segue uma seqüência tão rígida das etapas assinaladas para o desenvolvimento quanto numa pesquisa quantitativa. Existe preocupação em esclarecer como a cultura em questão compreende o mundo vegetal, como o interpreta, como é esse relacionamento e a que níveis chega. E, ainda, examinar o papel que exerce um determinado vegetal em uma determinada cultura, abrangendo, assim, o campo da

etnoecologia (TRIVIÑOS, 1987).

A etnobotânica não tem ainda claramente estabelecida uma estrutura conceitual que defina seus métodos, os quais combinam com os sistemas conceituais da antropologia cultural, botânica e ecologia. Assim, deve-se adequar, da melhor maneira possível, a metodologia ao problema principal da pesquisa, ou seja, o(a) pesquisador(a) tem livre escolha de usar métodos compatíveis com os objetivos a serem alcançados, seja dando ênfase quantitativa ou qualitativa ou a associação de ambas (ALBUQUERQUE, 2005).

Toda sociedade humana acumula um acervo de informações sobre o ambiente que a cerca, que vai lhe possibilitar interagir com ele para prover suas necessidades de sobrevivência. Neste acervo, inscreve-se o conhecimento relativo ao mundo vegetal com o qual estas sociedades estão em contato (AMOROZO, 1996).

Segundo Cox e Balick (1994), embora os critérios para as coletas de dados em um estudo etnobotânico possam ser bem diferenciados, é necessário orientar-se, pelo menos, conforme três diretrizes: 1) a sociedade deve ser localizada em uma área com flora diversificada; 2) as sociedades devem habitar nas regiões de estudo durante várias gerações e 3) a cultura precisa ter como tradição que o "curador" transmite o seu conhecimento de geração em geração, processo que ocorre por meio da aprendizagem.

Verifica-se, com bases nesses critérios, o interesse especial em registrar informações precisas dos curandeiros indígenas, mas, sem deixar de estudar as plantas mais comuns e frequentemente utilizadas pelos habitantes dos vilarejos atuais. Esse método é denominado de "técnica consenso" e tem base na suposição de que o conhecimento sobre plantas medicinais altamente eficazes torna-se rapidamente conhecido pela cultura popular (COX e BALICK, 1994).

Nas investigações etnobotânicas, observa-se posição de destaque das plantas medicinais (PASA et al, 2005). Entretanto, o conhecimento estudado não se restringe aos recursos medicinais, abrangendo os recursos alimentícios, pesticidas, contraceptivos e outras formas de uso, fornecendo, também, informações para evitar a destruição das florestas (ALBUQUERQUE, 2002).

De acordo com Beck e Ortiz (1997), pesquisas etnobotânicas facilitam a determinação de práticas apropriadas ao manejo da vegetação, pois empregam os conhecimentos tradicionais obtidos para fins conservacionistas.

ETNOBOTÂNICA: CONCEITOS E ANTECEDENTES HISTÓRICOS

A etnobotânica é a ciência que estuda a relação dos homens com as plantas, suas formas de uso, utilização, e classificação para as diferentes sociedades. “Dentre as aplicações da etnobotânica destaca-se o estudo da interação de culturas humanas com as plantas de ação terapêutica” (CARTAXO, 2009, p. 17). Rocha et al. (2015, p. 67) diz ainda que “a etnobotânica pode ser definida como o estudo da relação existente entre o homem e as plantas e o modo como essas plantas são usadas como recursos”.

Ao longo do tempo, a etnobotânica recebeu diversas definições, cada uma de acordo com as bases acadêmicas de seus idealizadores. Segundo Albuquerque (2005), é natural que isto aconteça, tendo em vista que, a mesma se trata de uma ciência interdisciplinar, que fica entre a botânica e a antropologia cultural, recebendo assim, fortes influências teóricas.

A origem do conhecimento do homem em relação aos benefícios terapêuticos das plantas confunde-se com sua própria história. É provável que tenha surgido enquanto ele tentava suprir suas necessidades básicas, através das casualidades, tentativas e observações, conjunto de fatores que constituem o empirismo (ALMEIDA, 2011).

O termo etnobotânica foi empregado pela primeira vez em 1895 por J. B. Harshberger, para nomear o estudo sobre a utilização dos vegetais por aborígenes, e apontou maneiras pelas quais poderia ser útil à investigação científica (ALBUQUERQUE, 2005; AMOROZO, 1996; CARTAXO, 2009).

O homem primitivo dependia única e exclusivamente da natureza para sobreviver, em meio à utilização dos recursos naturais disponíveis, descobriu por acaso o poder medicinal das plantas e começou a utilizá-las para curar suas dores e enfermidades. Bevilacqua, Haraguchi e Carvalho (2010, p. 34), afirmam que “No processo histórico das plantas medicinais, muitas civilizações desprezaram a utilização de vegetais como forma de medicamento em seus registros e manuscritos”.

Um dos manuscritos mais importantes e conhecido em todo o mundo, no que se refere à utilização de plantas para fins medicinais, é o Papiro de Ebers, escrito no Antigo Egito, datado de aproximadamente 1550 a.C. Almeida (2011, p. 36) afirma que o Papiro inicia-se com uma frase audaciosa: “Aqui começa o livro da produção dos remédios para todas as partes do corpo humano (...)”.

Através deste, o mundo tomou conhecimento de várias espécies vegetais utilizadas pelos egípcios, como fonte medicamentosa a exemplo da Mirra, utilizada como anti-inflamatório, entre outras espécies que, serviam para aliviar as dores e curar as doenças do povo do antigo Egito, outras ainda eram utilizadas no processo de embalsamento para conservar o corpo dos seus mortos, já que, os mesmos acreditavam que eles ressuscitariam dos mortos (ALMEIDA, 2011).

A utilização de plantas como medicamentos, passou por um longo processo de adaptação social, assim como a medicina, visto que, sua prática se manteve por muito tempo associada a rituais mágicos e ritualísticos (MARTINS et al., 2000; OLIVEIRA, 2007). O uso de plantas em rituais curativos poderia ser caracterizado como bruxaria, podendo ocasionar na morte daqueles que detinham tal conhecimento. Nessa época, Botânica e Medicina caminhavam juntas e os médicos eram verdadeiros botânicos, detendo assim, grande conhecimento sobre as propriedades das plantas, uma vez que a maior parte dos remédios era preparada a partir de plantas medicinais (MARTINS, 2012).

No decorrer dos anos, muitos conhecimentos perderam-se por diversos fatores, desde questões naturais, conflitos territoriais e imposição de costumes de outras culturas, como salienta Almeida (2011):

Preciosos conhecimentos perderam-se no decorrer da história das civilizações, extintas por fenômenos naturais, migrações e, principalmente, pela ocorrência das invasões gregas, romanas, muçulmanas e pelas colonizações europeias, que impuseram seus costumes, alterando realidades socioculturais e econômicas. No Brasil, o conhecimento dos índios, dos africanos e de seus descendentes está desaparecendo em decorrência da imposição de hábitos culturais importados de outros países, havendo um risco iminente de se perder essas importantes memórias culturais (ALMEIDA, 2011, p. 40).

Esse conhecimento que vem sendo passado de geração em geração ao longo dos séculos, vem se perdendo também pela falta de interesse dos mais jovens em adquirir tais saberes e pelas mudanças de hábitos culturais presente na nossa sociedade. O êxodo rural é um dos fatores que contribuem para esse processo, pois o homem ao chegar à cidade recorre às farmácias, lugar onde consegue adquirir medicamentos para todas as enfermidades sem o trabalho de prepará-lo. Portanto, os conhecimentos referentes às propriedades medicinais das plantas ficam em segundo plano, e conseqüentemente, vai sendo esquecido com o tempo, deixando de serem repassadas às futuras gerações, definindo gradativamente até o seu fim.

Ao chegarem ao Brasil, os europeus encontraram inúmeras plantas medicinais utilizadas pelos nativos. Os pajés possuíam o conhecimento das ervas locais e de seus usos, que eram transmitidos e aprimorados de geração em geração (BEVILACQUA; HARAGUCHI; CARVALHO, 2010).

“Os levantamentos etnomédicos realizados demonstram a forte influência da herança cultural africana na medicina popular do Brasil, principalmente no norte, nordeste e sudeste do país” (ALMEIDA, 2011, p. 44). Regiões onde houve maior concentração dos povos que eram escravizados para trabalhar nas culturas de cana-de-açúcar e café. O Brasil possui uma flora significativamente diversa, com mais de 32.000 espécies de plantas superiores (BFG, 2015). Aliado a isso, o país apresenta ainda:

Diversidade étnica e cultural, com valioso conhecimento tradicional relacionado ao uso de plantas medicinais usadas na cura ou prevenção de doenças, e tem recebido atualmente maior atenção dos órgãos não governamentais e dos órgãos oficiais de saúde. (BEVILACQUA; HARAGUCHI; CARVALHO, 2010, p. 35).

A utilização de fitoterápicos para curar as enfermidades em comunidades rurais é uma prática corriqueira, tendo em vista o difícil acesso ao atendimento básico de saúde e a rede de farmácias pelos habitantes dessas localidades. Outro fator que influencia o tratamento de doenças com os fitoterápicos é a renda familiar do homem do campo, que opta pelo tratamento natural por ter um custo menor como afirma Maciel et al (2002); Martins (2012):

O conhecimento sobre plantas medicinais simboliza muitas vezes o único recurso terapêutico de várias comunidades e grupos étnicos. Ainda hoje nas regiões mais pobres do país e até mesmo nas grandes cidades brasileiras, plantas medicinais são comercializadas, em feiras livres, mercados populares e encontradas em quintais das residenciais (MACIEL et al., 2002; MARTINS, 2012, p. 20).

No Nordeste brasileiro é comum encontrarmos tanto em feiras livres quanto em pequenos estabelecimentos a comercialização de plantas medicinais, que são vendidas em pequenas porções com preços acessíveis (ALVES et al., 2016). Podemos encontrar tanto a planta, dependendo do seu porte, como cascas, sementes, folhas e frutos, além dos preparados como garrafadas, xaropes, licores entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi desenvolvida no município de Montanhas, com o principal intuito de

ampliar a qualidade da educação local no que diz respeito ao estudo das plantas. A relevância de conhecimentos tradicionais relacionados às espécies, e etnobotânicos, são essenciais para uma aula de campo geográfica inovadora e detentora de sentidos múltiplos para a sala de aula que vai além dos muros da escola tradicional, conhecimentos repassados de geração em geração através dos parentescos de pessoas mais velhas e agricultores residentes nas cidades que utilizam-se destas espécies estudadas, para fins fitoterápicos.

Foram constatadas pelos informantes cerca de 60 espécies e 40 famílias, sendo citada como valor de importância e versatilidade a *Hymenaeacourbaril* (Jatobá) na cura de diversas enfermidades em todas as 4 comunidades. Seguida da *Handroanthus Impetiginosus*, conhecida popularmente por pau d'arco roxo e *Anacardium Occidentale*(caju) entre outras, com menores valores de importância, mas que vem sendo também utilizadas pelas comunidades.

Quanto às partes utilizadas, constatamos que as folhas apresentaram maiores valores quanto seu uso, seguida das cascas, frutos, sementes e raízes. Com referência às formas de preparo de chás para uso fitoterápico, estes têm, sua elaboração com base na decocção, infusão, maceração seguido de lambedores e emplastos.

Podemos concluir ainda que, apesar da existência de postos e centros regionais de saúde, em algumas comunidades mais distantes da sede municipal, os diversos usos das plantas são resgatados e atuam como fitoterápicos capazes de atender as necessidades urgentes destas populações.

Outro ponto a ser destacado é de que estas espécies vêm sofrendo pressão pelo fluxo do uso, o que ocasionará no futuro, sua extinção. Visto que, não existe nesta área um manejo adequado para este tipo de extrativismo vegetal, principalmente no tocante às plantas medicinais.

Porém, sabemos que é de inteira responsabilidade dos órgãos competentes a ação de viabilizar a preservação destas espécies, visto que, nem sempre os programas governamentais atingem todos os quadrantes deste bioma que se encontra fragilizado pelas suas ineficácias quanto aos projetos que viabilizem a conservação dos recursos naturais da caatinga.

Para que fosse possível alcançar os objetivos propostos neste estudo, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica, análise documental, entrevistas, roda de conversa, observações, participação em eventos e atividades promovidos pela escola, reuniões com a equipe pedagógica e monitores, além de vivências cotidianas na comunidade e a produção de um diário de campo, que foram fundamentais para a construção dos argumentos que estruturaram a pesquisa.

Diante do exposto, podemos afirmar que o Ensino de Geografia, enquanto uma construção realizada junto aos sujeitos, por meio de processos que prezam pela autonomia, empoderamento e valorização das especificidades e dos sujeitos locais, teve papel fundamental no fortalecimento e na construção da Educação do Campo, e contribuiu, principalmente, para a materialização de processos que valorizam os tempos e espaços do campo e dos sujeitos.

Portanto, o modo como os alunos percebem o campo e se relacionam com o mesmo é pouco considerado nas aulas de Geografia, pois há uma preocupação maior em saber se os alunos têm – ou já tiveram – alguma experiência no campo do que o que pensam estes alunos sobre tal espaço, seus conhecimentos cotidianos, e a respeito disso, o uso de plantas sempre ocasionará surpresa e curiosidade.

Nesse sentido, essa relação se estabeleceu enquanto uma via de mão dupla onde, de um

lado, a Educação do Campo se fortalece como uma perspectiva de educação contra-hegemônica, que busca romper com a perspectiva historicamente estabelecida pelos processos educacionais desumanizadores e excludentes destinados ao campo e, por outro, possibilita à Geografia a (re)construção dos seus conceitos e conteúdos a partir das realidades locais, algo tão importante e necessário na atualidade.

Assim, acreditamos que o estudo desta pesquisa e as abordagens aqui propostas, são de suma importância para a vida em sociedade, para um ensino mais humanizado da disciplina de geografia, e para as relevantes redescobertas que o solo e as plantas podem trazer para a vida.

Por fim, esperamos ampliar e fortalecer os caminhos para as reflexões sobre a relação entre o Ensino de Geografia e Educação do Campo, além de ampliar o diálogo sobre a importância da contextualização e da valorização das realidades locais nos diferentes processos de ensino. Entendemos que, dessa forma, todos saem fortalecidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, U. P. Introdução à etnobotânica. 2ª ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005. p. 93.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U.P., LUCENA, R.F.P., CUNHA, L.V.F.C. (Eds.), Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. Recife: Núcleo Publicações em Ecologia e Etnobotânica Aplicada (NUPEEA), 2010, p. 39-64, 559.
- ALBUQUERQUE, U. P.; MEDEIROS, P. M.; ALMEIDA, A. L. S.; MONTEIRO, J. M.; LINS NETO, E. M. F.; MELO, J. G.; SANTOS, J. P. Medicinal plants of the caatinga (semi-arid) vegetation of NE Brazil: a quantitative approach. *Journal of Ethnopharmacology*, v.114, p. 325–354, 2007.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U.P., LUCENA, R.F.P., CUNHA, L.V.F.C. (Eds.), Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. Recife: Núcleo Publicações em Ecologia e Etnobotânica Aplicada (NUPEEA), 2010, p. 39-64, 559.
- ALMEIDA, M. Z. de. Plantas medicinais. - 3. ed. - Salvador : EDUFBA, 2011. 221 p.
- ALVES, C. A. B. Etnobotânica e distribuição local de espécies da família anacardiaceae no semiárido do Brasil. Areia, 2015. 118 p. Tese (Doutorado em Agronomia) Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Areia, 2015. [Orientador: Dr. Jacob Silva Souto].
- ALVES, C. A. B.; SILVA, S.BELARMINO, N. A. L. A.; SOUZA, R. S.; SILVA, D.R.; ALVES, P. R. R. 2017. 2016. Comercialização de plantas medicinais: um estudo etnobotânico na feira livre do município de Guarabira, Paraíba, nordeste do Brasil. *Gaia Scientia*, 10(4): 390-417.
- ANDRADE, A. L. MIOTTO, S. T. S.; SANTOS, É. P. dos. A subfamília Faboideae (Fabaceae Lindl.) no Parque Estadual do Guartelá, Paraná, Brasil. *Hoehnea* 36(4): 737-768, 2009.
- AMOROZO, M.C.M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L.C. (eds). *Plantas medicinais: arte e ciências. Um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 47-48.
- AMOROZO, M. C. M., MING, L. C.; SILVA, S. M. P. 2002. Interdisciplinaridade na pesquisa científica – extratos da mesa redonda. In: Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas, eds. Rio Claro: CNPq/UNESP. p. 181-204.
- BATISTA, A. A. de M.; OLIVEIRA, C. R. M. Plantas Utilizadas em uma Comunidade do Semiárido baiano: saberes tradicionais e a conservação ambiental. *ENCICLOPÉDIA BIOSFERA*, Centro Científico Conhecer – Goiânia, v.10, n. 18; p. 74, 2014.
- BATTISTI, C. GARLET, T. M. B... [et al]. Plantas medicinais utilizadas no município de Palmeira das Missões, RS, Brasil. *REVISTA BRASILEIRA DE BIOCÊNCIAS – Porto Alegre*, v. 11, n. 3, p. 338-348.
- BEVILACQUA, H. E. C. R. Histórico das plantas medicinais e legislação: Histórico das plantas medicinais. HARAGUCHI & CARVALHO (Org.). *Plantas Medicinais: do curso de plantas medicinais*. São Paulo: Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. Divisão Técnica Escola Municipal de Jardinagem, 2010. Cap. 2, p. 36-40.
- BARATA, L. E. S. Fitoterápicos. 2007, disponível em: www.herbario.com.br/bot/plantmed/fitoter.htm.



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**



Publicação Mensal da INTEGRALIZE

Aceitam-se permutas com outros periódicos.

Para obter exemplares da Revista impressa, entre em contato com a Editora Integralize pelo (48) 99175-3510

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC

Florianópolis-SC

Rodovia SC 401, Bairro Saco Grande,
CEP 88032-005.

Telefone: (48) 99175-3510

<https://www.integralize.onlin>

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC - ISSN/2675-520